

PENSANDO CORPO, SEXUALIDADE E PARALISIA CEREBRAL A PARTIR DA
NOÇÃO DE PESSOA: PRIMEIRAS ANOTAÇÕES DE UMA PESQUISA EM
ANDAMENTO¹

Luana Santos Cunha (UFPB/PB)²

Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB/PB)³

Resumo:

Este trabalho faz parte da problematização que estou desenvolvendo, no marco da minha tese de doutorado, sobre a prática da sexualidade entre pessoas portadoras de paralisia cerebral. Uma das perspectivas teóricas que levanto, em forma de hipótese, é que a noção de pessoa é fundamental para a situação do problema de pesquisa, afinal, o que se considera deficiência X normalidade está ligado à compreensão do que seja uma “Pessoa”, quais são seus atributos, qualidades, limites e contornos. Nesse sentido, tenho como objetivo discutir a construção do corpo como um processo social que muitas vezes implica na ideia de perfeição, completude e beleza, e também o modo como tal concepção está ligada diretamente à noção de “Pessoa” que temos nas sociedades ocidentais modernas, repercutindo em representações restritivas sobre a sexualidade de portadores de deficiências. Para esta discussão, apresentarei os primeiros achados de um trabalho etnográfico que estou desenvolvendo na rede social Facebook, especificamente no grupo “Paralisia Cerebral e amigos”, onde realizei entrevistas on-line e conversas (chats) sobre temas como sexualidade e estigmas. Essas primeiras incursões apontam situações nas quais as pessoas com paralisia cerebral tiveram que reivindicar o “direito à autonomia” dos seus corpos e outros tantos momentos de luta por reconhecimento como “pessoas” ou mesmo da negação desta condição. Entendo que essas negociações em torno da sexualidade ancoram-se no ideário do individualismo moderno, girando em torno de ideias como autonomia, direitos individuais e independência. Para tanto, fez-se necessário compreender o que seria o ser humano, o que entendemos por indivíduo como valor e a quem consideramos “Pessoa” e se tais compreensões têm ligações com nossa percepção de corpo e tudo que ela engloba: perfeição, normalidade, completude, sexualidade,

¹ “Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

² Doutoranda em Sociologia PPGS/UFPB.

³ Professora de Antropologia DCS/PPGA/PPGS/UFPB.

gênero. Assim, passamos por autores como Louis Dumont, Marcel Mauss e Csordas, a fim de ver tais questões, especialmente a sexualidade, como discursos, como construções sociais, como aprendizado e sua relação com a construção da pessoa sempre tentando observar o que esse trabalho nos permite compreender sobre nossa sociedade e os debates sociais em torno desses temas.

Palavras-chave: Sexualidade; Deficiência; Pessoa.

INTRODUÇÃO

Já faz mais de duas décadas que emergiu, em meio às questões postas na agenda das Ciências Sociais, um interesse específico sobre a questão do corpo, evidenciando símbolos, discursos, práticas e atitudes vinculadas de uma maneira ou de outra na construção de corpos na contemporaneidade. Por um lado, práticas como o cutting, as tatuagens e piercings ou os esportes de risco que questionam os ideais de segurança e garantia da integridade física como objetivo a ser procurado com todos os indivíduos; por outro lado, o aumento das possibilidades médicas de intervenção sobre os corpos, a partir cirurgias estéticas e de readequação sexual, de pesquisas que trabalham em prol do melhoramento genético, da cura ou controle de doenças outrora paralisantes ou mortais; tudo parece indicar que o corpo é uma matéria flexível, curvável aos desígnios das técnicas, das ciências e das vontades.

Mas enquanto alguns corpos parecem superar os limites da materialidade a partir de intervenções as mais diversas, outros pareceriam estar condenados a vivenciar de forma especialmente evidente tais limites. Esse é o caso do objeto desta pesquisa: as pessoas com paralisia cerebral. A Paralisia Cerebral (PC) “refere-se a um grupo de distúrbios no desenvolvimento do controlo motor e da postura, como resultado de uma lesão não progressiva aquando do desenvolvimento do sistema nervoso central” (Fonte: Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra)⁴.

A lesão pode ocorrer no nascimento, anteriormente ou no período que se segue. Não agrava, não progride, mas causa limites na actividade. No Brasil, estima-se que por

⁴ Disponível em: < http://www.apc-coimbra.org.pt/?page_id=65>, Acesso em: 19/06/2016.

ano há cerca de 30.000 ou 40.000 novos casos de pessoas com P.C⁵ ou por nascimento ou, como veremos, devido a circunstâncias e acidentes que podem ocorrer na infância ou em qualquer momento da vida. A vida das pessoas com P.C. pode ocorrer de muitas maneiras, mas um aspecto comum a todas as vivências é a dependência, mais ou menos acentuada, de terceiros para a vida cotidiana. Essa dependência pode se manifestar na manutenção diária, no acesso às ruas, no trabalho, enfim, em todos os aspectos que dizem respeito ao uso do próprio corpo, entre eles a sexualidade, objeto deste trabalho.

Desde diferentes abordagens, autores como Le Breton (2002), Csordas (2008), Merleau-Ponty (2004) e Luiz Duarte (1983) nos dão margem para compreendermos os corpos mais além de cânones fechados de determinada normalidade, ou de determinada estética, pois incluem questões sobre o que acarreta o corpo em si mesmo permitindo outra maneira de pensar o ser humano em geral. Neste trabalho, nos aproximaremos de algumas dessas abordagens mas propomos, igualmente, ir além do próprio corpo, incorporando as palavras que usamos, as ideologias que construímos, os discursos que produzimos. Nesse sentido, entendemos que a compreensão do corpo ganha uma nova perspectiva quando posta em relação com a categoria antropológica da “pessoa” e, especificamente, com os valores inerentes ao indivíduo moderno, a saber, a liberdade, a autonomia e a igualdade. Tais debates têm como ponto de partida os trabalhos de Durkheim que trazem à tona “uma categoria analítica importante para a compreensão das formas modernas da pessoa: o ‘individualismo’ (Durkheim, 1970 *apud* Duarte 2003)”, bem como ensaios de Marcel Mauss sobre as técnicas corporais, sobre a noção de “Pessoa” e do “Eu”, e a percepção de Louis Dummont acerca do indivíduo como valor.

A sexualidade é um ponto nodal nas concepções de corpo e de pessoa. Sabemos, com Foucault (1985), que sexualidade possui um papel fundamental na corporeidade no sentido que forma parte do ser humano, de seu corpo, de sua existência, de sua sociabilidade. A sexualidade sempre perpassou questões culturais e nunca foi uma simples expressão anatômico e fisiológica, assim, não é algo próprio do mundo moderno, mas possui a diferença de que há, hoje, uma proliferação de discursos sobre sexualidade, uma ciência sexual, da qual a Sociologia, pode-se dizer, é um dos seus braços. Nesse sentido, a sexualidade é central na construção da ideia de corpo moderno, afinal, o modo

⁵ MOTA; SILVEIRA; MELLO. Crianças com paralisia cerebral: como podemos avaliar e manejar seus aspectos nutricionais. 2013

como os sujeitos se iniciam na sexualidade é parte significativa no processo de construção social, como uma dimensão que engloba aspectos culturais, fisiológicos, históricos, sociais e psicológicos, sendo seu desenvolvimento uma das etapas fundamentais do ser humano.

Todavia, este corpo deve ser produtivo, deve estar incluso no sistema capitalista, deve ser disciplinado, desejável, reprodutivo e capaz. E, por este motivo, pensar a sexualidade na doença mental é extremamente complexo e conflituoso, justamente porque apela ao que é mais difícil de digerir por esta visão de mundo centrada exclusivamente na razão cartesiana, uma vez que a sexualidade apela ao sensível, ao corpo como lugar de encontro, de construção de uma imagem do corporal aceita socialmente como plenitude do que é ser humano, da nossa noção de pessoa.

Podemos então supor que uma diversidade funcional física ou mental reformula a identidade do sujeito, o coloca num lugar como corpo não válido, como corpo excluído do sistema capitalista, pois é um corpo improdutivo, excluído do sistema patriarcal porque não é um corpo desejável, não é um corpo reprodutivo, excluído do sistema capacitista, porque é um corpo que não é capaz, e, por estes motivos os posicionam em um lugar remoto das categorias de gênero hegemônicas alterando nossa auto-compreensão corporal, inclusive alterando as concepções que temos das relações e práticas afetivos-sexuais, nossos imaginários e possibilidades.

O que nos leva a problematizar as próprias percepções sobre corpo, indivíduo e pessoa como “reforçadoras” da distância entre limitações cognitivas e sexualidade, retirando do deficiente mental o status de pessoa com desejos sexuais, sem definições de identidade, muito menos perspectivas de independência e autonomia corporal.

Por essa via, enquanto objeto de produção de conhecimento, a interação/diálogo entre sexualidade e doença mental nos é apresentada em distintas possibilidades de problematização pautadas nas diferenças disciplinares, na domesticação dos corpos, e numa rede complexa de normatizações jurídicas, relações de poder, interesses políticos e econômicos.

Assim como Csordas “[...] não proponho sintetizar a vasta literatura multidisciplinar sobre o corpo” (CSORDAS, 2008, p. 101), mas refletir sobre as possibilidades que tem a ver com os modos distintos de pensarmos nossas relações para

com o outro, geralmente estão envoltas em questões heteronormativas e heterocentradas num tipo de organização social dicotomizada entre o *normal* e o *patológico*, o *corpo* e a *mente*. Sendo assim, é interessante para nossa discussão acerca da sexualidade na paralisia cerebral, refletirmos um pouco sobre as concepções de *indivíduo* e de *pessoa*, bem como das dicotomias acima citadas.

Buscando compreender tais dicotomias entrei em um grupo intitulado “*Paralisia Cerebral e Amigos*” na rede social Facebook onde passei a observar os diálogos cotidianos, os debates propostos, e os questionamentos lançados sobre problemas pertencentes a realidade da paralisia cerebral. Durante minhas observações fiz anotações no diário de campo, percebi que o tema “sexualidade” ainda é um tema muito delicado a ser abordado no Brasil, e contatei alguns interlocutores com os quais iniciei algumas conversas e entrevistas que me abriram um novo mundo e um leque de questões que inicio a refletir aqui.

“EU NASCI PERFEITA”: A NOÇÃO DE PESSOA NA SOCIEDADE MODERNA E SUA REPERCUSSÃO NO IDEÁRIO DA SEXUALIDADE

Em entrevista realizada em Dezembro de 2014 com uma interlocutora (Entrevistada1) que encontrei no grupo “*Paralisia Cerebral e Amigos*” na rede social Facebook, me deparei com a seguinte afirmação: “*eu nasci perfeita*”. Segundo ela, eis o motivo de ter demorado muito para “*me aceitar do jeito que sou*”.

Isso me fez refletir sobre o que entendemos por ser humano, por pessoa.

Afinal, o que é o ser humano? Muitos responderiam que é um ser racional e que se diferencia dos demais seres por este motivo. Mas quando nos aprofundamos sobre esta questão percebemos que a resposta não é tão simples e nem pode ser, pois o ser humano é mais complexo que isso. A ele estão ligadas características que vão além do biológico e que o formam como ser presente e agente deste mundo, determinado por construções sociais e moldado por aspectos culturais.

A entrevistada em questão relatou que não se aceitava até os 28 anos por saber que “nasceu perfeita” e em decorrência de um erro de administração de medicamentos, convulsionou várias vezes culminando na paralisia cerebral, motivo de exclusões, de retraimentos com relação a fazer amizades, afinal, “*fazia tudo sozinha, era horrível,*

muito solitária [...] só faziam trabalho comigo quando a professora obrigava”, e de decepções amorosas com meninos – quando adolescente – que “*preferiam minhas amigas que andavam direito e não gaguejavam*”. Fatos, que segundo ela, a deixaram em estado de depressão achando que não “merecia” namorar e que nunca sairia da casa dos pais, que nunca seria independente.

Independência. Palavra muito usada para reivindicações de liberdade e autonomia, inclusive para expressar o que entendemos por indivíduo, seus valores e suas relações.

Muitos autores se debruçaram sobre o que seria este ser independente e quais seriam as “categorias do pensamento humano”, como por exemplo, Aristóteles e Kant. Mas as análises sobre os seres humanos não pararam nas questões da “psyché”, ampliando-se para sua relação com a sociedade. O antropólogo Radcliffe-Brown ao analisar a estrutura social afirmou que

Todo ser humano vivendo em sociedade tem dois aspectos: ele é indivíduo, mas também pessoa. Como indivíduo, ele é um organismo biológico, um conjunto muito vasto de moléculas organizadas em uma estrutura complexa em que se manifestam, enquanto ele persiste, ações e reações fisiológicas e psicológicas, processos e mudanças. (...) O ser humano como pessoa é um complexo de relações sociais (Radcliffe-Brown, 1973).

Ao fazer tal afirmação, Radcliffe-Brown (1973) nos apresentou, a grosso modo, uma oposição simples, mas pertinente entre as categorias “indivíduo” e “pessoa”, oposição esta que em conjunto com a categoria analítica “*individualismo*”, lançada por Durkheim para compreender as formas modernas da pessoa, nos ajuda a pensar o ser humano social e seus valores relacionados a um modo de ser diferente das sociedades mecânicas pautadas na solidariedade, valores ancorados em um “egoísmo” coletivo, em igualdade e liberdade. Esses valores foram abordados por Louis Dumont em sua obra *Ensaio sobre o Individualismo* (1992⁶) onde ele buscou compreender através da comparação entre sociedades tradicionais e sociedades modernas, a ideologia moderna do individualismo, que anteriormente se dava com o indivíduo-fora-do-mundo e atualmente, surge com o indivíduo-no-mundo. Assim, o indivíduo aparece como a forma moderna do que conhecemos como “pessoa”.

Todavia, foi com Marcel Mauss (2003) em *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”*⁷ publicada em 1938, que podemos vislumbrar a “construção

⁶ Edição brasileira.

⁷ Em, **Sociologia e Antropologia** São Paulo: Cosac Naify, 2003[1938]:367-398.

social da pessoa” em uma relação indivíduo e sociedade. Neste texto, Mauss afirma que tratará de forma diferente uma das categorias do espírito humano – a ideia de pessoa, a ideia do “Eu” – que é considerada por todos como natural⁸, “bem definida no fundo da sua própria consciência, perfeitamente equipada no fundo da moral que dela se deduz. Trata-se de substituir essa visão ingênua de sua história e de seu atual valor por uma visão mais precisa.” (MAUSS, 2003, p. 369).

Então ele enfatizou as questões de direito e de moral, não abordando a Psicologia, ou o “Eu” como personalidade consciente, apesar de reconhecer que “nunca houve ser humano que não tenha tido senso de sua individualidade espiritual e corporal ao mesmo tempo” (p.371). Assim, deixa claro que seu assunto é história social, ou seja, “mostrar a série das formas que o conceito do “Eu” assumiu na vida dos homens, das sociedades, com base em seus direitos, suas religiões, seus costumes, suas estruturas sociais e suas mentalidades” (MAUSS, 2003, p.371).

Desde os índios Pueblos de Zuñi até os romanos e sua noção de *persona latina*, Mauss (2003) segue fazendo uma análise linguística, sócio-histórica e etnográfica mostrando como aconteceu a longa construção do “Eu”, como antes os povos estavam relacionados com os grupos e como eles quase sempre eram referenciados pela coletividade, e como hoje a noção de “pessoa” aparece vinculada a uma individualidade, a uma entidade singular, o “Eu” moderno que é a substância racional individual, que foi pautada em direitos e que teve seu marco inicial com a moral cristã.

Essa noção de “Pessoa” e de “Eu” apontada por Mauss também nos mostra o indivíduo ligado à sociedade a qual está inserido, logo, compartilhando de seus valores, de sua moralidade e de suas ideologias, pois segundo ele os temas humanos são muito abstrusos e cheios de uma “multiplicidade de coisas sociais em movimento” (MAUSS, 2003, p. 187), uma vez que “pessoa” designa uma unidade socialmente investida de significação e ideários de completude, autonomia e perfeição, onde o indivíduo se encontra relacionado a todas as esferas do todo social, inclusive, a sexualidade.

A sexualidade tem um papel fundamental no ordenamento moral das sociedades e nos modos de subjetivação dos indivíduos. Ela marca representações, delimitações de papéis e legitimações no ordenamento estabelecido entre os gêneros. Isso porque a sexualidade não é mera atividade biológica, animalesca, fisiológica, mas como afirmou Bozon (2004), ela constitui uma construção social que implica aprendizado a partir da

⁸ A isso ele chama de visão ingênua de sua história e de seu valor.

cultura, e inevitavelmente, a coordenação das atividades mental e corporal repletas de sentido.

Para este autor, na modernidade a autonomização de um domínio da sexualidade distinto da ordem tradicional da procriação seguiu a emergência de uma subjetividade e de um sujeito, que cada vez mais controlava as manifestações sexuais, mantidas agora em reserva, numa esfera íntima, mas atrelada a uma “vontade de saber” (Foucault, 1993) e a um desejo de interpretar os movimentos secretos do corpo, tornando as experiências sexuais e as trajetórias um dos principais fundamentos da construção dos sujeitos e da individualização (Bozon, 2004) tão necessária para a construção social do masculino e do feminino.

Nossa entrevistada¹ contou-nos que via suas amigas de escola sendo paqueradas e namorando enquanto ela sequer se sentia desejada pelos rapazes, o que apesar de a tornar depressiva, não afastou seu desejo de construir uma família. Entretanto, *“apesar de saber que não era desejada e criar amores platônicos que eu sabia que não iam ser respondidos [...] eu me apaixonava pelos meus professores rrsrs [...]”* ela resolveu entrar em sites de relacionamentos na busca de auto-aceitação, de experiências sexuais e de um parceiro para seu projeto familiar: *“Entreí em um site de relacionamento (sem ser de deficientes) para me aceitar, não queria chorar mais, e também porque estava apavorada porque aos 30 anos ainda era virgem e não queria mais isso [...] sempre sonhei em construir uma família”*.

Vemos que na sua construção do feminino, algo estava incompleto. Faltava a sexualidade ativa, a reprodução, a construção da sua família e o sentimento de ser desejada pelo sexo oposto.

Entretanto, limitações psíquicas são, comumente, vistas como fatores contrários do que entendemos por autonomia e independência. Alguém que necessite da ajuda constante de outro para realizar tarefas simples como ficar em pé, se locomover, sendo tutelado em praticamente todas as ações, e compreendido como ser incompleto, não é visto como alguém apto ao cuidado de si nem ao desejo do outro por si, logo, é alguém que não irá passar por algumas experiências sociais, pois vivencia uma experiência de exclusão social: a anulação do indivíduo. Afinal, segundo Goffman (1980), o estigmatizado não é percebido como completamente humano, o que leva a vários tipos de discriminações feitas e permitidas pela sociedade que, ao fazê-las reduz suas

possibilidades. Isso porque não sabemos como conviver com a diferença, com o “Outro” que não está enquadrado na nossa concepção de indivíduo, de pessoa, de normal, apesar, de lidarmos quase que constantemente com a dualidade *normal* e *patológico* porque segundo Bourdieu (2003), o nosso modo de pensar é pautado em dicotomias (alto/baixo, grosso/fino), não conseguimos gerenciar bem as diferenças.

A entrevistada¹ afirmou que não comentava sobre sexualidade com seus pais, nem sobre suas conversas com homens nos bate-papos porque sabia que seus familiares não a viam como uma pessoa provável a ter vida sexual ativa, em suas palavras “*minha família eu não falava nada pois não acreditavam que eu poderia ter alguém muito menos transar...agora viram que eu não sou uma deficiente tãooooo grave assim e que eu posso sim ter alguém*”. Tal fala aponta para a ideia de que existem corpos ideais para exercer a sexualidade: corpos desejáveis e que desejam, e que perceber o outro como “menos anormal” facilita a aceitação da situação tida antes pelos pais como patológica.

Durkheim (1983), percebeu em suas análises que na sociedade, independente de qual seja, “[...] confina duas ordens de fatos bastante diferentes: aqueles que são os que devem ser e aqueles que deveriam ser diferentes daquilo que são, os fenômenos normais e patológicos” (p.110), e para definir sua teoria, ele se pautou na distinção saúde e doença seguindo a lógica de refutar as ideias errôneas que se tinha até a época e afirmando o que na realidade seriam os fatos sociais normais e os patológicos⁹ correspondendo aos padrões mais gerais da vida coletiva. Se entendemos a sexualidade como um fato social, podemos inferir que ela também está inserida em questões de normalidades e de patologias, e que a sociedade tem seu ideário sobre a sexualidade dita normal, logo, é provável que a sexualidade entre os deficientes mentais - que não são considerados “normais” – passe a ser considerada uma sexualidade patológica, fora dos padrões de aceitação social, uma vez que tais indivíduos são desviantes em seu estado físico ou mental.

Assim ao lançarmos o olhar para o senso comum observamos que o deficiente mental é concebido como um ser imperfeito, incompleto, em desvantagem, sem perspectivas, nem curiosidades, muito menos desejos e erotização, não fazendo parte, portanto, da esfera da sexualidade, pois ele não se enquadra na nossa concepção de indivíduo-valor. Contudo, se a esfera da sexualidade é vista como individual, como

⁹ Em outro momento será abordado com maior cautela e densidade a dicotomia “normal” e “patológico”, para maior aprofundamento conferir a obra de Durkheim “As regras do método sociológico” (1983).

construir isso na doença mental? Como pensar que indivíduos sem autonomia, liberdade, nem igualdade, enquanto valores do indivíduo moderno, podem usufruir da sexualidade? Como imaginar que esses corpos “imperfeitos” e “patológicos”, sejam locais de encontro, de prazer e de reprodução?

CORPO E SEXUALIDADE NA PARALISIA CEREBRAL

“*O corpo está em cena*”, eis o que nos diz Sônia Maluf (2001), logo, o corpo está em meio aos debates recentes das políticas públicas, dos estudos acadêmicos, dos fenômenos sociais e das manifestações da cultura contemporânea. Para a autora devemos nos afastar das visões essencialistas que reproduzem os dualismos “corpo/espírito e natureza/cultura” pensando o corpo através de uma perspectiva antropológica que o enxerga como uma construção social e cultural, desnaturalizando o que sempre foi visto como natural, como fez Marcel Mauss (2003) em seu texto *As técnicas do corpo*.

Nesse texto Mauss nos apresenta o corpo como o primeiro e o mais natural instrumento do homem no sentido de objeto técnico, cuja técnica é uma forma de coerção sobre o corpo, tendo em vista que tudo em nós é imposto, assim o autor faz uma desnaturalização do corpo que era visto como algo natural afirmando entender pela expressão técnicas corporais “[...] as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se do seu corpo. Em todo caso, convém proceder do concreto ao abstrato, não inversamente” (p.401), onde essas técnicas são as normas humanas do “adestramento” humano voluntário.

Com isso ele elucida sua inquietação com relação ao social influenciando os indivíduos, inclusive nos usos dos seus corpos, afirmando que

“[...] sabia perfeitamente que a marcha, o nado, por exemplo, que coisas desse tipo eram específicas a sociedades determinadas; que os polinésios não nadam como nós, que minha geração não nadou como nada a geração atual. Mas que fenômenos sociais eram esses? Eram fenômenos sociais ‘diversos’, e, como essa rubrica é um horror, pensei várias vezes nesse ‘diversos’, ao menos toda vez que fui obrigado a falar disso, de tempos em tempos” (MAUSS, 2003, p. 401-402).

Assim, Mauss (2003) demonstra o corpo através de uma visão instrumental que nos permite enxergá-lo como objeto de técnica, ressaltando sua inserção social, pois embora o corpo seja universal, os contextos sociais são diversos e todos, em toda

sociedade, devem saber e aprender o que devem fazer em todas as situações, inclusive como manter as posições do corpo.

Então vemos em Mauss (2003) que esta natureza social do “*habitus*” varia de acordo com cada cultura, com cada sociedade e suas imitações das posições do corpo, posturas e técnicas do corpo, que por sua vez, são construções sociais inscritas nos homens através da educação, da imitação seja por parte das crianças que imitam os adultos e seus atos bem-sucedidos, confiáveis, seja dos adultos que imitam outros adultos por meio da influência¹⁰. E é justamente no indivíduo imitador que se pode ver o social, pois “não há técnica e não há transmissão se não houver tradição”, afinal, a sociedade se inscreve no corpo.

É interessante pensarmos nesses termos de inscrição social no corpo, pois em diversos momentos¹¹ - como vimos no tópico anterior - podemos inferir que, assim como o camponês estudado por Bourdieu (2006) em *O camponês e seu corpo*, a pessoa com paralisia cerebral internaliza a imagem desvalorizada de si, do seu corpo que é visto como imperfeito, carregado de anormalidades e estereótipos, culminando algumas vezes em uma atitude introvertida que aumenta a vergonha causada pelo rompimento da comunhão com ele mesmo.

Todavia, se o indivíduo não possui meios de manter as posições impostas pelas técnicas coercitivas corporais, e se o corpo é o classificatório do que se pode ou não fazer, como relacionar o sexo em suas variadas posições e técnicas, com as limitações cognitivas que afetam o corpo? Tendo em vista que a “*hexis corporal*” (Bourdieu, 2006) é, antes de tudo, *signum* social e que a sexualidade explorada em diversos tipos de manifestações fora dos “padrões corporais normais” é percebida como uma anormalidade, uma agressão ao pudor, um perigo, e dotada de estigmas e olhares.

A família dele não me aceitava porque eu sou deficiente. Agora aceitam mais, mas quando eles se falam, eles não perguntam de mim. As pessoas na rua ficam olhando pra gente... curiosas, acho que pra saber como ele fica comigo, como transamos. [...] Usamos aliança e tudo e eles veem isso e, acho que imaginam como fazemos. Porque com o remédio errado que me deram [...] roeu o meu osso da bacia e com isso fica meio difícil abrir as pernas, mas não impossível, tem como, abro as pernas de 100% eu abro 40%, e ele ajuda muito, entendeu? O bom é que tenho muitos orgasmos. (ENTREVISTADA1)

¹⁰ Também podemos ver isso em Bourdieu (2006) no seu texto “*O camponês e o seu corpo*”.

¹¹ Questões retratadas em conversas informais na internet – Facebook – com interlocutores da minha pesquisa de tese.

Tais situações são possíveis porque há uma dificuldade da sociedade em atentar a possibilidade de vinculação afetiva e sexual entre pessoas com limitação cognitiva, o que restringe as suas oportunidades de vida, negando-lhes as experiências e manifestações sexuais “mantendo uma relação antagônica entre a imagem das mesmas como “não-pessoa” e o desenvolvimento da sexualidade” (SOARES, et al., 2008, p.186) indicando que elas devem ser tuteladas, infantilizadas e protegidas, afinal, não é apenas a ideologia que está envolta nesta questão, mas as normas culturais que, de certo modo, contribuem para tal dificuldade na esfera afetiva-sexual exaltando uma inviabilidade sexual por uma inabilidade corporal.

A mesma entrevistada nos indicou que existe uma relação de cuidado que envolve um “consentimento”, uma troca de tutelas, entre sua família e seu namorado para que ela pudesse ter vida sexual mesmo que esta já acontecesse “as escondidas”:

Minha família estava vendo que ele cuidava de mim como eles sempre quiseram que alguém me cuidasse [...] na minha casa conheceu a minha família e de cara com as atitudes dele gostaram dele, e em maio de 2012 começamos a dormir juntos com o consentimento da minha família [...] mas a gente já fazia desde janeiro, esperávamos o pessoal dormir a tarde e fazíamos.
(ENTREVISTADA1)

O consentimento reforça a ideia de incompletude do indivíduo que “precisa” de alguém que cuide dele, afinal, um corpo com limitações é visto como um corpo dependente, de uma pessoa que não pode “se virar” sozinha, e isto se torna mais claro quando tocamos no ponto da independência financeira, pois se a pessoa com paralisia cerebral não trabalha ou se recebe benefício, mas não vai ao banco retirá-lo sozinha, é quase que espontaneamente lançada ao quadro de corpo imóvel que se faz invisível no mundo, sem autonomia, sem funcionalidade capitalista.

Afinal, o corpo é um espaço politizado onde diferenças e desigualdades são naturalizadas sob a forma de posições e disposições (Bourdieu, 2003), onde o que conta é o corpo móvel que se faz visível no mundo, (Merleau-Ponty, 2004) que faz parte dele e por isto se coloca como vidente e visível, olhando todas as coisas e ao mesmo tempo conseguindo olhar a si, e neste ato “reconhecer no que está vendo o outro lado do seu poder vidente” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.17), pois os olhos seriam equivalentes a uma janela que dá direto na alma, nas percepções, afinal para ele

"Um corpo humano está aí quando, entre vidente e visível, entre tocante e tocado, entre um olho e outro, entre a mão e a mão se produz uma espécie de recruzamento, quando se acende a faísca do senciente-sensível, quando se

inflama o que não cessará de queimar, até que um acidente do corpo desfaça o que nenhum acidente teria bastado para fazer..." (MERLEAU-PONTY, 2004, p.10)

Do mesmo modo que Merleau-Ponty entende os olhos como a janela da alma e o corpo como sujeito no mundo, a perspectiva fenomenológica compreende que tudo que se mostra, tudo que se revela faz parte da percepção que é objetiva e se dá na realidade, afinal, a consciência não existe por si mesma, revelando-se na intensidade. Desse modo, ao considerarmos os aspectos subjetivos como valores e crenças do deficiente mental podemos encontrá-los inseridos na sociedade, e sendo assim o debate político sobre os direitos a esses indivíduos ganha relevância.

Meinerz (2010) elucida que o exercício da sexualidade é um direito que cabe a todos e a ausência de informações acerca das diversas questões que abarcam a sexualidade da pessoa com limitações físicas ou mentais torna-se um impedimento para o mesmo. Afinal,

“Não existe um reconhecimento dos direitos de manifestação da sexualidade das pessoas com deficiência mental, sendo-lhes dadas poucas possibilidades de compreender as emoções despertadas por ela, conseqüentemente, dificultando a exploração da sua curiosidade sexual” (Bastos, Deslandes, 2005, p.393)

A sexualidade do deficiente mental encontra-se atrelada ao paradigma da corporeidade, esta é uma perspectiva metodológica que deriva da Antropologia psicológica e se direciona para a fenomenologia, encarando o corpo não como um objeto a ser estudado, mas como o sujeito da cultura (Merleau-Ponty, 2004).

Sendo o deficiente mental portador de um corpo, também é sujeito da cultura, e como tal, pertencente as relações de poder existentes nela. Mas não podemos dizer que ele se encontre numa relação de poder qualquer, sendo necessário especificar que o poder em questão, que dita e controla os corpos, é o biopoder.

Ao entrevistar a segunda interlocutora – Entrevistada2 – fui lançada ao campo mais político da questão, afinal, por ser uma pessoa com paralisia cerebral e lésbica, a Entrevistada2 procura estar ciente dos seus direitos, inclusive direitos sobre a sexualidade. Ela afirmou que apesar de seu modo de ser extrovertido, articulado com as causas das pessoas com paralisia cerebral e bem resolvido com sua sexualidade, sofre estigmas em dobro e sempre tem que defender sua posição e seu estilo de vida que parece incitar formas de controle social:

Desde muito cedo me resolvi sexualmente. Na adolescência namorei um menino, mas sabia que gostava mais da pessoa dele do que do fato de ser menino. Percebi aos poucos que gostava de meninas, fui vendo as mudanças em seus corpos e me interessando cada vez mais. Só com 15 anos me assumi para mim mesma em consulta com minha psicóloga e só com 17 anos que contei aos meus pais. Minha mãe me alertou sobre sofrer duas vezes... e meu pai me falou um monte de asneiras como “não estou pagando colégio pra você gostar de meninas”. Não ficou sem falar comigo, mas eu voltei para a APAE e lá me enquadraram com normas e terapias. (ENTREVISTADA2)

Apesar de Foucault ter abordado este biopoder em alguns de seus trabalhos, como por exemplo, *Microfísica do poder*, *Vigiar e Punir* e *História da Sexualidade*, afirmando que este seria um conceito que serviria para trazer à tona um campo composto por tentativas mais ou menos racionalizadas de intervir sobre as características vitais da existência humana, Rabinow e Rose (2006) não consideram que ele deu substâncias necessárias para a ampliação de suas generalizações, propondo apenas um modelo mais simples e um diagrama bipolar do poder sobre a vida, cujo um pólo foca em uma anatomia-política do corpo humano enfocando buscar maximizar suas forças e integrá-lo em sistemas eficientes; e o outro pólo consiste em controles regulares, uma biopolítica da população focando nas espécies do corpo, onde o corpo está imbuído com os mecanismos da vida, nascimento, morbidade, longevidade, etc...

Todavia, a sexualidade aparece na unificação desses pólos dentro de uma série de “grandes tecnologias de poder” que implicam em técnicas disciplinares de poder sobre o corpo, de “enquadramentos” ancorados em uma gestão de si, onde o cuidado não está sob responsabilidades externas, mas passa a ser um “cuidado de si”, o que de certo modo recai sobre os enunciados que definem o normal e o patológico, principalmente quando pensamos em doenças mentais, pois estas ocupam lugar de destaque no limiar entre a “moral” ou “psicológico”, uma vez que retiram essa característica do indivíduo moderno gerenciador e único responsável por sua condição de saúde e por sua sexualidade (Foucault, 1993), dependendo do saber-poder das instituições pautadas no conhecimento singular do indivíduo doente.

A Entrevistada2, também encontrada no grupo “Paralisia Cerebral e Amigos” do Facebook, já discutiu inúmeras vezes em tópicos do grupo que abordam a sexualidade, inclusive no último tópico lançado por mim convidando os “nativos” a participarem da minha pesquisa de doutorado, a mesma saiu em defesa da sexualidade na paralisia cerebral quando uma das participantes do grupo começou a falar que é um absurdo tratar da sexualidade de pessoas paralisia cerebral, uma vez que “há assuntos mais relevantes

como melhorias na qualidade de vida dos Pcs¹²”, sendo a resposta da Entrevistada2 a seguinte: “O mal de muitos é não acreditar que a nossa vida vai além de terapias ou clínicas. PC faz sexo Siiiiim, tem desejo é diferentes formas de descobrir e de vivenciar isso. E as pessoas precisam sim saber disso!”.

Tal discussão englobou várias outras pessoas participantes do grupo em questão onde foram lançados ideais, valores e representações sociais acerca da pessoa com paralisia cerebral e da sexualidade, nos remetendo a noção de corpo como algo moldado e construído pela vida social, sendo os atos e as atitudes corporais um reflexo das representações sociais (Mauss, 2003). Assim, podemos concluir que existe um poder dos valores e das ideias sociais inscritos no corpo que permeiam todas as dimensões sociais do corpo, suas representações sociais e sua construção, seu poder simbólico, enfim, tudo que vai além do corpo físico refletindo nas ideias e sentimentos coletivos que respaldam nossa noção de “Pessoa” e de “Indivíduo” e “determinam” os comportamentos do homem que possui sua existência no corpo.

Luiz Duarte (2003) afirma que parte das críticas crescentes a esse efeito tem como base a linguagem de defesa da “pessoa” ou da “personalização”, isto é, de uma atenção à totalidade ou singularidade do doente e de sua vivência, que não deixa de ser pessoa por uma má formação cognitiva ou física, pois ainda é um indivíduo-no-mundo e como tal, constituído de valores, sentidos e desejos, logo, aberto as experiências da sexualidade, que faz parte não só da esfera íntima, mas também da esfera social.

CONCLUSÃO

A experiência da saúde/doença nos auxilia na compreensão da nossa sociedade, uma vez que consideramos a existência humana atrelada a sua corporeidade, onde o corpo não é apenas algo biológico, mas uma construção social que ao mesmo tempo que produz, é produzido pela cultura.

Assim, articular uma discussão entre corpo, sexualidade e noção de pessoa parece ser um trabalho exaustivo e de grandes proporções, mas ao mesmo tempo é um trabalho que se faz necessário para não cairmos no risco mencionado por Maulf (2001) de criarmos uma nova dicotomia: a dicotomia corpo x pessoa. Afinal, não são apenas os corpos que

¹² PC= Paralisia Cerebral

são fabricados, mas também as culturas e as pessoas que são cheias de sentido e significados.

Pensar a sexualidade na deficiência mental nos faz acordar para fenômenos sociais que se fazem presentes nas sociedades modernas e que são discutidos em vários âmbitos das Ciências Sociais, mas que apesar de serem parte das novas experiências sociais, ainda se encontram permeadas de estigmas e estereótipos. Sites como “*Yes, we fuck*” são ótimos espaços de discussões sobre esses corpos imperfeitos que buscam experimentar suas corporeidades na sociedade atual, onde cada vez mais pessoas buscam direitos e reconhecimento, que não necessariamente é por igualdade, mas por independência de estarem no corpo, serem o corpo, e usufruírem do corpo sem que isso seja visto como uma patologia.

REFERÊNCIAS

BASTOS, O. M., DESLANDES, S. F. Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol.10, (n.2), 2005, pp. 389-397.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003.

_____. O camponês e seu corpo. **Revista Socio. Polit.**, Curitiba, n] 26, pp. 83-92, 2006

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, 172p.

CSORDAS, Thomas. **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Indivíduo e Pessoa na experiência da saúde e doença. **Ciência & Saúde Coletiva**, 8 (1): 173-183, 2003.

_____. O culto do eu no templo da razão. **Boletim do Museu Nacional**. Três ensaios sobre pessoa e modernidade, n.41, agosto de 1983: 2-27.

DUMONT, Louis. 1985. “Do indivíduo-fora-do-mundo ao indivíduo-nomundo”. In. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco. Cap. I.

DURKHEI, Émile. As formas elementares da vida religiosa. In: **Durkheim**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção os Pensadores)

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 13ª edição, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

_____. “O Corpo”. IN: **História da Sexualidade. 3. O cuidado de si**. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada. Brasil, Zahar Editores, 1980.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. Antropologia e sociedade. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MALUF, Sônia. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços**, v.9, n.9, 2001:87-101.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003[1935]:399-422.

_____. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003[1938]:367-398.

MEINERZ, Nádia Elisa. **Corpo e outras (de)limitações sexuais**: Uma análise antropológica da revista *Sexuality and Disability* entre os anos de 1996 e 2006. RBCS Vol. 25 n° 72 fevereiro/2010, pp.118-178.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004 (pp.13-46)

RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. O conceito de Biopoder hoje. *Política & trabalho – Revista de Ciências Sociais*, 24: 27-57, abril/2006.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

SOARES, A. H. R.; MOREIRA, M. C. N.; MONTEIRO, L. M. C. Jovens portadores de deficiência: sexualidade e estigma. **Ciência & Saúde coletiva**, 13(1): 185-194, 2008.